

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A visao europeia do futuro eclipsa o sonho americano [The European vision of the future eclipses the American dream]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Rifkin, Jeremy
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-25 18:47:41
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163318

3. Ética da gratuidade, em um mundo onde impera o negócio, o interesse, o benefício; imperativo moral: sê generoso! Tudo o que tens, recebeste de graça. Não faça negócio com o gratuito.
4. Ética da compaixão, em um mundo onde impera a insensibilidade para o sofrimento do homem e do meio ambiente; imperativo moral: sê compassivo! Tenha vísceras de misericórdia com os que sofrem!
5. Ética da alteridade, da acolhida e da hospitalidade para com os estrangeiros, os refugiados e os sem-documentos; imperativo moral: respeita e acolhe o outro como outro, como diferente! A diferença enriquece.
6. Ética da solidariedade, em um mundo onde impera a endogamia; imperativo moral: sê cidadão do mundo! Trabalha por um mundo onde caibam todos.
7. Ética comunitária fraterno-sororal, em um mundo patriarcal, onde predomina a discriminação de gênero; imperativo moral: colabora na construção de uma comunidade de homens e mulheres iguais, não-clonados.
8. Ética da paz, inseparável da justiça, em um mundo de violência, causada pela injustiça do sistema; imperativo moral: se queres a paz, trabalha pela paz e pela justiça mediante a não-violência ativa!
9. Ética de todas as vidas, dos seres humanos e da natureza, da vida dos pobres e oprimidos, constantemente ameaçada; imperativo moral: defende a vida de todo o ser vivente! Vive e ajuda a viver!
10. Ética da incompatibilidade entre Deus e o dinheiro, em um mundo que reúne a adoração à divindade e ao ouro do bezerro; imperativo moral: compartilha os bens! Sua acumulação gera o empobrecimento de quem vive a teu redor.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Artigos da Semana

MENDIGOS, ESSES SERES INVISÍVEIS

Por Luciana Lara

Publicamos o artigo com o título acima, de autoria da psicóloga e psicanalista Luciana Maccari Lara, a quem agradecemos o envio do texto. Graduada em Psicologia pela Unisinos, Lara cursou Psicanálise, no Núcleo de Estudos Sigmund Freud, em Porto Alegre, e é mestranda no PPG em Filosofia da Unisinos.

As notícias sobre moradores de rua assassinados em São Paulo colocam-se diante de nós como imensos pontos de interrogação. Buscamos, em vão, explicações num possível fanatismo ou loucura dos assassinos, no extermínio por comerciantes da região, incomodados com a repercussão negativa da presença dos mendigos em suas vendas, em dívidas de tráfico de drogas. Permanece, no entanto, o vazio imenso e angustiante de uma pergunta que não se contenta com os resultados da investigação. A fonte de nosso incômodo diante da barbárie é de outra ordem: que tipo de sociedade é capaz de produzir assassinos de mendigos? Antes disso: que tipo de sociedade é capaz de produzir mendigos?

Há alguns dias, um programa vespertino de televisão de grande audiência, convidou dois jovens atores para participarem de uma brincadeira, que consistia em vestir um uniforme de gari e sair à rua, a fim de verificar se seriam reconhecidos. Os rapazes, freqüentemente

reconhecidos e assediados pelos fãs, passaram absolutamente incógnitos pelas ruas do Rio de Janeiro e pelos corredores de um shopping na mesma cidade, sem que ninguém os reconhecesse. Mais do que isso: não eram sequer olhados. As pessoas passavam por eles como quem passa por um hidrante ou banco de praça. Eles estavam vestidos de garis: que dizer então dos mendigos?

Os moradores de rua talvez representem o que há de mais indefeso e desamparado em nossa sociedade. Não importa que alguns tenham escolhido viver assim: o simples fato de que a rua tenha se tornado a mais atrativa das opções já é suficiente para que tenhamos uma dimensão da precariedade e da miséria que os movem. Se a rua é melhor, imagine o resto. No entanto, as manifestações que mais freqüentemente escutamos a respeito dessas pessoas não dizem respeito à compaixão, indignação ou mesmo angústia por nossa impotência diante dos fatos. O que sentimos diante dos moradores de rua é, mais do que tudo, irritação, e por isso é que desviamos os olhos. Os mendigos são incômodos, irritantes, insuportáveis até.

De fato, não é fácil olhar para a manifestação escancarada das falhas da nossa sociedade, que não é competente o suficiente para incluir em si todos os seus integrantes. Que os mendigos são o resto dessa operação de subtração, estamos cansados de saber, assim como sabemos bem que nosso incômodo tem a ver com o desamparo a que eles nos remetem. Afinal, nunca se sabe onde estaremos amanhã...

O assustador é que este profundo incômodo com tudo o que diz respeito às falhas e limitações de nossa organização social parece estar produzindo, além dos mendigos, o meio de acabar com eles. Uns e outros, mendigos e exterminadores, saíram do meio de nós: nasceram em hospitais, estudaram em escolas, por um ano, ou dois, ou dez. Estiveram provavelmente em contato com a televisão. Tiveram pai e mãe. Leram ou ouviram notícias de crimes, passaram por mendigos na rua.

Viram, nos olhos das pessoas, o mesmo incômodo, a mesma irritação que todos nós vemos e sentimos. A única diferença é a posição que cada um foi tomando. Talvez seja hora de pensar em que posição estamos nós diante disso.

A VISÃO EUROPÉIA DO FUTURO ECLIPSA O SONHO AMERICANO

Por Jeremy Rifkin

*Traduzimos e reproduzimos este artigo, de autoria do economista e especialista em biotecnologia, Jeremy Rifkin, publicado no jornal **El País**, em 6 de setembro de 2004. Rifkin é considerado um “thinker”, denominação que se dá a pensadores que influenciam políticas governamentais. É presidente da Fundação sobre Tendências Econômicas de Washington, conselheiro da União Européia, consultor e autor de vários livros, entre eles **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no **IHU On-Line** n.º 67, de 7 de julho de 2003.*

*Aliás, J. Rifkin é um autor assíduo nas páginas do **IHU On-Line**. Assim, de Jeremy Rifkin, publicamos também uma entrevista na edição número 51, de 17 de março de 2003, um artigo na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003, outro artigo na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, e mais outro na 103ª edição, de 31 de maio de 2004. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como **O Fim dos Empregos** (1995); **O século da biotecnologia** (1999); e **A Era do Acesso** (2000); todos editados pela Makron Books, de São Paulo. Seu mais recente livro **O sonho europeu: como a visão européia do futuro está eclipsando o sonho americano**, lançado semana*

passada na Espanha, pelas Edições Paidós, é o tema do artigo que segue, um extrato do referido livro, escrito pelo autor. Os subtítulos são nossos.

O sonho americano

A questão dos valores saltou repentinamente para o centro do cenário em ambos os lados do Atlântico. Nos Estados Unidos, o presidente George W. Bush e o senador John Kerry debatem sobre questões tão variadas, como o matrimônio entre homossexuais e a investigação com células-tronco embrionárias. Em uma sociedade em que, nos últimos tempos, quase todos os valores se converteram em objeto de crítica e controvérsia, há um valor estadunidense que se mantém inalienável, não afetado pelas rixas partidárias e o escrutínio dos meios. Todos os políticos, independentemente de suas cores, apressam-se a elogiar o sonho americano, a idéia de que qualquer pessoa, independentemente das circunstâncias em que nasça, pode fazer com sua vida o que queira, a base de diligência, determinação e trabalho duro. O sonho americano segue sendo o mito mais perdurável dos Estados Unidos. É o cimento social que une o povo estadunidense pelas divisões étnicas e de classe, e que dá ao modo de vida deste país um propósito e uma direção comuns. A morte, em junho, do presidente Ronald Reagan sublinhou quão importante segue sendo o sonho americano para a psique nacional. As amostras de dor e os elogios que o ex-presidente recebeu de amigos e rivais foram uma comemoração tanto a esse sonho como ao homem que, na opinião de muitos, personificou o mais prezado de todos os valores do país.

O sonho europeu

O importante é que um terço dos estadunidenses, de acordo com uma sondagem recente em âmbito nacional, já nem sequer acreditam no sonho americano. Alguns perderam a fé, porque trabalharam duramente toda a sua vida para não encontrar mais que dificuldades e desespero ao final do caminho. Outros, entretanto, abandonaram-no ainda mais profundamente. Estão começando a questionar o sonho em si, alegando que os princípios que o sustentavam estão perdendo importância em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente. Pela primeira vez, o sonho americano já não serve de ponto de encontro para todos os estadunidenses. Enquanto o sonho americano se vai desvanecendo, um novo sonho europeu está começando a captar a atenção e a imaginação dos habitantes de todas as partes. Esse sonho se codificou agora em forma de anteprojeto de Constituição européia. A Constituição proposta se converteu, por sua vez, em matéria de intenso debate em um momento em que os europeus estudam se ratificam ou não seus conteúdos e aceitam seus princípios básicos como valores centrais de uma nova Europa. Em muitos aspectos, o novo sonho europeu é o reflexo do antigo sonho americano. Mas, para os milhões de estadunidenses, que já não se identificam com ele, a visão de futuro européia possivelmente tenha maior ressonância; uma espécie de grande investimento, por assim dizer, pelo que ocorreu faz duzentos anos, quando milhões de europeus olhavam para os Estados Unidos em busca de uma nova ilusão para sua vida e para a posteridade.

Os EUA e os “Estados Unidos” da Europa

Vinte e cinco nações, que representam 455 milhões de pessoas, uniram-se para criar os “Estados Unidos” da Europa. Como os Estados Unidos da América, esta enorme entidade política está escorada em um mito próprio. Ainda que se encontre em sua adolescência, o sonho europeu é a primeira visão transnacional, muito mais apropriada para a seguinte fase da viagem humana. Os europeus estão começando a adotar uma nova consciência global que se estende mais à frente, e por baixo, das fronteiras de seus Estados nacionais, integrando-os

profundamente em um mundo cada vez mais interconectado. Os estadunidenses estão tão acostumados a considerar que seu país é o mais próspero do mundo que possivelmente os surpreendesse saber que, em muitos aspectos, já não é assim. Em poucas décadas, a União Européia cresceu até converter-se na terceira maior instituição governamental do mundo. Ainda que sua extensão seja igual à metade do território continental estadunidense, seu produto interno bruto, de 10,5 trilhões de dólares, eclipsa agora o PIB estadunidense, e a converte na maior economia mundial. A União Européia já é o principal exportador e o maior mercado comercial interno. Sessenta e uma das 140 maiores empresas da lista de 500 incluídas em *Global Fortune* são européias, enquanto apenas 50 são estadunidenses.

A superioridade da qualidade de vida

Entretanto, as comparações entre as duas grandes superpotências do mundo são ainda mais reveladoras no que diz respeito à qualidade de vida. Por exemplo, na União Européia, há aproximadamente 322 médicos por cada 100.000 habitantes, enquanto nos Estados Unidos há só 279. Os Estados Unidos ocupam o 26º lugar, entre os países industrializados, em mortalidade infantil, muito abaixo da média européia. A média de vida, nos 15 países mais desenvolvidos da EU, está agora em 78,2 anos, frente aos 76,9 anos dos Estados Unidos. Os meninos de 12 países europeus obtêm agora melhores pontuações em conhecimentos matemáticos que seus homólogos estadunidenses e, em oito países europeus, os superam em conhecimentos científicos. No que se refere à distribuição da riqueza - uma medida crucial em relação à capacidade de um país para cumprir sua promessa de prosperidade -, Estados Unidos ocupa 24º lugar entre os países industrializados. Os 18 países mais industrializados da UE apresentam menos desigualdade entre ricos e pobres. Agora há mais pobres vivendo nos Estados Unidos que nas 16 nações européias das quais se dispõe de dados. Os Estados Unidos são também um lugar mais perigoso para viver. Sua taxa de homicídios é quatro vezes maior que a da União Européia. E o que é ainda mais preocupante: as taxas de homicídios, suicídios e mortes relacionadas com as armas de fogo entre os meninos estadunidenses são superiores às de outros 25 países ricos, incluídos os 14 países europeus mais ricos. Ainda que os Estados Unidos hospedem só 4% da população mundial, contêm agora a quarta parte da população carcerária de todo o mundo. Enquanto os países membros da UE têm uma média de 87 presos por cada 100.000 habitantes, os Estados Unidos alcançam a impressionante proporção de 685 presos por cada 100.000 habitantes. Os europeus comentam freqüentemente que os estadunidenses "vivem para trabalhar", enquanto eles "trabalham para viver". O tempo médio de férias pagas na Europa é agora de seis semanas ao ano. Em contraste, o dos estadunidenses é de só duas semanas. À maioria dos estadunidenses também lhes impressionaria saber que o tempo médio de traslado para o trabalho, na Europa, é inferior a 19 minutos. Se considerarmos o que faz um povo grande e o que constitui um melhor modo de vida, Europa está começando a superar os Estados Unidos.

Autonomia e inserção. Pertença, não pertences!

O sonho europeu contrasta drasticamente com o americano sobretudo em relação à questão de definir o significado de liberdade pessoal. Para os estadunidenses, a liberdade está, há muito tempo, ligada à autonomia. Se formos autônomos, não dependemos de outros nem somos vulneráveis às circunstâncias que estão fora de nosso controle. Para sermos autônomos, precisamos ter propriedades. Quanto mais ricos formos, mais independentes somos no mundo. Somos livres, quando nos convertemos em auto-suficientes e em uma ilha em nós mesmos. Com a riqueza, chega a exclusividade, e a exclusividade traz segurança. Entretanto, o novo sonho europeu se apóia em diferentes idéias sobre o que constitui a liberdade e a segurança.

Para os europeus, a liberdade não se encontra na autonomia, senão na inserção. Ser livre é ter acesso a muitas relações interdependentes. Quanto mais comunidades podermos acessar, mais opções temos de levar uma vida plena e significativa. É a “inclusividade” que proporciona segurança: pertença, não pertences. O sonho americano insiste no crescimento econômico, a riqueza pessoal e a independência. O novo sonho europeu se centra mais no desenvolvimento sustentável, a qualidade de vida e a interdependência. O sonho americano comemora a ética do trabalho. O europeu está mais ligado ao ócio e ao gozo profundo. O sonho americano é inseparável da herança religiosa e da profunda fé espiritual do país. O europeu é laico até a medula. O sonho americano depende da assimilação: associamos o êxito com a eliminação de nossos antigos laços étnicos para nos converter em agentes livres do grande crisol estadunidense. O sonho europeu, em troca, apoia-se na conservação da própria identidade cultural e em viver em um mundo multicultural. O sonho americano une-se ao amor ao país e ao patriotismo. O europeu é mais cosmopolita e menos territorial. Os estadunidenses estão mais dispostos a usar a força militar para proteger o que consideram juro vitais. Os europeus são mais resistentes a usar a força militar e, em troca, fomentam a diplomacia, a ajuda econômica e a assistência para evitar o conflito e as missões de paz para manter a ordem. Os estadunidenses tendem a pensar sob um ponto de vista local, enquanto as lealdades européias estão mais divididas e abrangem do local até o mundial. O sonho americano é profundamente pessoal e se preocupa pouco com resto da humanidade. O sonho europeu é de uma natureza mais expansiva e sistêmica e, por conseguinte, vai mais ligado ao bem-estar do planeta. Isso não quer dizer que a Europa se converteu, de repente, em uma utopia. Apesar de toda sua retórica sobre a conservação da identidade cultural, os europeus estão se tornando cada vez mais hostis para com os imigrantes e os refugiados políticos recém-chegados. O enfrentamento étnico e a intolerância religiosa seguem estalando em diversas zonas da Europa. O anti-semitismo está aumentando novamente, assim como a discriminação contra os muçulmanos e outras minorias religiosas. Ainda que os habitantes e os países europeus critiquem a hegemonia militar estadunidense e o que eles consideram uma política externa disposta a apertar o gatilho, estão mais que dispostos, quando se apresenta a ocasião, a deixar que as forças armadas estadunidenses protejam os interesses de segurança europeus. Além disso, tanto partidários como caluniadores afirmam que a maquinaria de governo da União Européia, com sede em Bruxelas, é um labirinto de papelada burocrática. Frequentemente se acusa a seus funcionários de distantes e de não responder às necessidades dos cidadãos europeus aos que supostamente servem. Entretanto, a questão não é se os europeus vivem ou não de acordo com seu sonho. Nós, os estadunidenses, nunca o fizemos. A questão é, na realidade, que a Europa forjou uma nova visão do futuro que difere da nossa em aspectos essenciais. Estas diferenças básicas são cruciais para compreender a dinâmica que começou a desatar-se entre as duas grandes superpotências do século XXI. Há 200 anos, os fundadores dos Estados Unidos criaram para a humanidade um novo sonho que transformou o mundo. Hoje, uma nova geração de europeus está criando um novo sonho radical, mais apto para enfrentarmos os desafios do mundo cada vez mais interconectado e globalizado do século XXI.

[\(Voltar ao índice\)](#)